

FREUD E O *METHODENSTREIT*: UM DEBATE A PARTIR DOS SEMINÁRIOS DE ZOLLIKON

CAROLINE VASCONCELOS RIBEIRO

Professora Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Psicóloga (UFSJ), Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Doutora em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana (SBPW) e do GT de Filosofia da Psicanálise da ANPOF (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia).

RESUMO: Com esse artigo almejamos estabelecer uma discussão acerca da cientificidade da psicanálise de Freud. Pleiteamos investigar se o pensamento freudiano se afina com as ciências humanas ou poderia ser encaixado no rol das ciências da natureza. Qual a posição do pai da psicanálise em relação à querela dos métodos (*Methodenstreit*), instituída por Dilthey? Seria Freud um *combatente em prol da hermenêutica da suspeita*, como advogou Paul Ricoeur, ou um corifeu do modelo de ciência natural que triunfou na primeira metade do sec. XX? Com essas questões aspiramos confeccionar a argumentação de nosso texto e levar a cabo uma investigação acerca da identidade epistemológica da psicanálise freudiana. Para tanto, transitaremos na clareira (*Lichtung*) aberta pela obra de Heidegger intitulada *Seminários de Zollikon*. Nessa obra, o filósofo empreende uma abordagem ontológica acerca do solo no qual estão fincadas as raízes que sustentam a psicanálise de Freud.

Palavras-chave: Freud. Ciência natural. Heidegger. Hermenêutica. Ricoeur.

ABSTRACT: With this article we aim to establish a discussion regarding the scientificity of the psychoanalysis of Freud. We intend to explore if the Freudian thinking is consistent with the human sciences or if it could be attributed to the role of natural sciences. What is the position of the father of the psychoanalysis with regards to the dispute over method (*Methodenstreit*) established by Dilthey? Would Freud be a *combatant for the hermeneutics of suspicion*, as Paul Ricoeur pleaded, or a luminary of the model of the natural science which triumphed in the first half of the 20th century? With these questions we want to tailor the argumentation of our article and conduct an analysis regarding the epistemological identity of the Freudian psychoanalysis. Therefore, we start from the open clearance (*Lichtung*) of Heidegger's work entitled *The Zollikon Seminars*. In this work, the philosopher undertakes an ontological approach regarding the ground burying the roots which support the psychoanalysis of Freud.

Key words: Freud. Natural sciences. Heidegger. Hermeneutics. Ricoeur.

Em *O Fim da Filosofia e Tarefa do Pensamento*, Heidegger (1991a, p.78) nos fornece uma imagem que julgamos ser profícua para esclarecer a maneira como construímos nosso artigo. O autor, na obra em comento, refere-se à relação entre a clareira (*Lichtung*) e a luz (*Licht*) com o intuito de meditar sobre a relação entre pensamento e razão. Heidegger anuncia que o termo clareira (*Lichtung*) define uma região desbravada de uma densa floresta, liberta de árvores, a qual é condição de possibilidade para que a luz incida e ilumine o lugar. O convite é para entendermos o termo clareira (*Lichtung*) enquanto abertura de pensamento e *Licht* como uma metáfora da luz da razão. Ao remeter o leitor a essa imagem, o filósofo insiste que é preciso perceber que *Lichtung* não provém da luz, ao contrário, toda a luz da razão pressupõe o espaço livre para poder se difundir. Sendo assim, é a abertura prévia do pensamento que possibilita que a luz da razão incida.¹ Visto que a luz (*Licht*) inunda a clareira (*Lichtung*), esta última permanece despercebida como condição “inaparente” que sustenta todo aparecer. Todavia, a luz (*Licht*), mesmo a mais incisiva e potente, só exerce o esplendor de sua claridade porque existe, previamente, a clareira.

Apesar da fecundidade da imagem proposta, dela nos interessa apenas o entendimento de que a clareira (*Lichtung*) é a abertura para tudo o que advém, é a condição de possibilidade de tudo que pode surgir. A configuração sugerida pelo filósofo ajuda-nos a esclarecer as veredas utilizadas pelo argumento que desenvolvemos nesse texto. Ajuda-nos do seguinte modo: o pensamento de Heidegger é considerado o fomentador da abertura fundamental para as demais considerações surgirem. Quer dizer: no texto que se segue o filósofo alemão instituiu a clareira, a condição necessária para que uma discussão – iluminada por outros pensadores – pudesse se alocar.

A análise efetuada por Heidegger em relação a Freud nos abriu uma clareira (*Lichtung*) em forma de densos questionamentos. Contudo, a obra que nos serviu de guia –

¹ É importante ressaltar que, para Heidegger, pensar é algo muito mais próximo do poético e do inaudito do que a atitude racional cativa da tradição filosófica. Cumpre esclarecer – ainda que ligeiramente – que, segundo o autor, os pré-socráticos não são filósofos e sim, pensadores, pois suportam o jogo da verdade como *alétheia*. Na perspectiva pré-socrática, o ser é experienciado desde a dinâmica de velamento-desvelamento, desde o jogo de *alétheia*. Esse modo de ater-se ao ser é marcado por um *deixar-ser* o que se mostra, portanto, não há pretensão de dominar o mostrar-se do ser pelo pensamento. Já a filosofia, desde a ótica heideggeriana, nasce com Sócrates e Platão e comporta-se como um “tribunal” que julga o ser a partir dos critérios da universalidade, imutabilidade e determinação, esquecendo-se, assim, de seu caráter indeterminado e do velamento que lhe é constitutivo. Em suma, pensar, para Heidegger, é muito mais do que racionalizar. Cf: Heidegger, 1991b

Seminários de Zollikon – é composta por atas e textos fragmentados.² Nessa obra, muitas assertivas heideggerianas destinadas a Freud são expostas de modo sucinto e sem aprofundamento, então, vimo-nos diante de uma vigorosa ambiência aberta para a meditação, mas com pouca luminosidade a nosso favor. Desse modo, a região desbravada pela crítica heideggeriana ao pai da psicanálise nos impeliu a buscar iluminações noutras cantos, mais precisamente, na epistemologia da psicanálise. Com o fito de poder transitar, com propriedade, na clareira gestada por Heidegger, recorreremos a autores como P. L. Assoun, Paul Ricoeur, Zeljko Loparic. L. Roberto Monzani, Leopoldo Fulgencio e Renato Mezan. Tais autores – ainda que de modo distinto e, por vezes, não deliberado – lançaram luz sobre a “região aberta” pela obra *Seminários de Zollikon*. Dizer isso significa dizer que, apesar de ser Heidegger o grande criador do âmbito sobre o qual transita esse texto, a iluminação dos caminhos foi feita por comentadores que se dedicaram a olhar o legado freudiano a partir da pergunta pelo *húmus histórico*³ que fertilizou o solo sobre o qual se ergueu a psicanálise de Freud.

A inquietação sobre o tema da cientificidade da psicanálise foi provocada pela potência do pensamento heideggeriano, mas a circulação pelos caminhos por ele instaurados foi garantida pelo recurso a investigadores que analisaram o itinerário da pesquisa freudiana, com o intuito de diagnosticar sua identidade epistêmica e o seu lugar diante da querela dos métodos (*Methodenstreit*), ou seja, diante da diferença metodológica entre as ciências humanas e as ciências naturais.

Na contramão de alguns investigadores que se dedicaram ao tema da cientificidade da psicanálise, Heidegger (2007) enquadrou o saber de Freud no rol das ciências da natureza e lançou dúvidas sobre a aclamada ruptura deste autor em relação à filosofia e à ciência moderna.⁴ O estilo de tratamento dispensado por Heidegger aos conceitos

²Nessa obra constam os registros de preleções, feitas por Heidegger, a psiquiatras e estudantes de psiquiatria na casa do psiquiatra Medard Boss em Zollikon, na Suíça. Além das atas das preleções, encontramos os diálogos taquigrafados entre Boss e o filósofo – ocorridos quando gozavam de férias comuns – e cartas trocadas entre os dois. cf.: Boss in: Heidegger, 2007. Para a obra *Seminários de Zollikon* indicaremos a paginação do original seguida pela página da tradução brasileira.

³ Esta expressão é de Assoun. Cf.: Assoun, 1983, p.21

⁴ Alguns pensadores analisam a psicanálise como uma *não-ciência* ou como uma *pseudociência*. Segundo Japiassu (1990), para Skinner, a psicanálise jamais deve ser incorporada ao corpo da ciência propriamente dita, visto que as teses de Freud não são passíveis de observação e experimentação diretas. Karl Popper (1994, p.67), em sua obra *Conjecturas e Refutações*, afirma que as teses da psicanálise não podem ser testadas e, por isso mesmo, são irrefutáveis. O fato de não poder ser refutada experimentalmente faz com que psicanálise careça de cientificidade. As possibilidades de testagem e falsificabilidade não fazem parte da psicanálise porque os seus fatos sempre confirmam a teoria. Contudo, para Popper, as observações clínicas, da mesma maneira que as

freudianos está em sintonia com a postura desconstrutiva típica de seu modo de fazer filosofia. Quer dizer: nas preleções em Zollikon, o professor se imbuíu de levar os conceitos às suas fontes, dispondo-se a alcançar suas “certidões de nascimento” (*Geburtsbriefe*), ou seja, visando detectar a herança filosófica presente, de modo assumido ou velado, em suas composições.⁵ Alguns termos hauridos da parte especulativa da psicanálise de Freud – como o conceito de inconsciente e o de pulsão⁶ – foram alvo de uma cáustica avaliação heideggeriana, a qual indicou que o primeiro está a serviço do imperativo da explicabilidade de conexões causais e o segundo, de um tipo de objetividade não-humana.⁷ Almejamos explanar a natureza dessa crítica aberta pela clareira (*Lichtung*) de Heidegger, permitindo que a mesma seja inundada pela luz (*Licht*) de comentadores de Freud. Apesar de ter sido buscada alhures, a luz requisitada apresenta parentescos com as tematizações abertas pelo filósofo alemão.

O artigo que se segue objetiva dispensar um tratamento rigoroso a teses heideggerianas expressas em Zollikon, mas também servir-se do expediente de recorrer ao texto freudiano sempre que necessário. Com isso, visamos garantir o estabelecimento de tensões que podem ser proveitosas para a elucidação de nossa questão sobre o estatuto científico da psicanálise de Freud, ou melhor, sobre o lugar escolhido por Freud para alocar a sua ciência diante do *Methodenstreit*. Quer dizer: almejamos não só **não ignorar** a letra

confirmações da astrologia, não podem ser consideradas confirmações da teoria. Desse modo, “quanto à epopéia freudiana do Ego, Superego e Id, não se pode reivindicar para ela um padrão científico mais rigoroso que as estórias de Homero sobre o Olimpo” (POPPER, 1994, p.67). Para o autor de *Conjecturas e Refutações* a psicanálise se enquadra naquele tipo de teoria que é seguida por admiradores que introduzem suposições auxiliares *ad hoc* ou reinterpretam a teoria *ad hoc* de maneira blindar-lhe de refutações. Trata-se, para Popper, de um estratégia convencionalista. Veremos, mais adiante, que o expediente de usar hipóteses auxiliares e convenções é muito utilizado por Freud por se encaixar em um programa para a ciência da natureza muito difundido no fim do séc. XIX e no começo do sec. XX.

⁵No § 6 de *Ser e Tempo*, Heidegger nos fala da tarefa de destruição (*Destruktion*) da ontologia tradicional. Contudo, o termo destruição não significa, na ambiência do pensar heideggeriano, um aniquilamento do legado, mas uma desconstrução que remete os termos à origem, eliminando os sentidos derivados que encobrem seu sentido primordial. Este é o sentido da desconstrução acima mencionada. Cf.: Heidegger, 1995.

⁶O conceito de pulsão consiste numa construção auxiliar e é entendido como uma força constante que atua no interior do psiquismo, forçando-o a trabalhar. A pulsão é “(...) um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo”. (FREUD, 1996e, p.127)

⁷Cumpramos esclarecer, mesmo que de modo sumário, que a parte especulativa da psicanálise é denominada por Freud de metapsicologia e congrega uma série de conceitos que têm a natureza de convenções ou hipóteses auxiliares e, por isso mesmo, não possuem referência empírica. No texto *As especulações metapsicológicas de Freud* Fulgencio esclarece que, para o pai da psicanálise, a sua ciência “(...) é composta por teorias de tipos diferentes: uma empírica e outra especulativa. A primeira corresponde ao conjunto de teorias que advêm dos fatos empíricos (sua psicologia dos fatos clínicos) e a segunda a um conjunto de conceitos especulativos sem conteúdo empírico determinado – tais como os de pulsão, libido, aparelho psíquico –, ao qual ele mesmo denomina metapsicologia.” (FULGENCIO, 2003, p. 131)

freudiana, como também deixar o vigor de seu legado ser usado para revelar as minúcias de seu arcabouço conceitual e de sua evolução teórica. Queremos, com isso, evitar escrever um texto pobre em alterações e contestações.

As primeiras páginas de nosso artigo visam cumprir a função de situar o leitor acerca da natureza da abordagem heideggeriana em relação à psicanálise de Freud. Em seguida, a partir do recurso a comentadores de Freud, nos dedicaremos à tarefa de iluminar a crítica de Heidegger em relação ao imperativo freudiano de tornar o psíquico explicável a partir do estabelecimento de leis. Cotejaremos a posição heideggeriana com a de epistemólogos da psicanálise com o fito de mostrar proximidades e distanciamentos entre Heidegger e autores que se debruçaram sobre a identidade epistêmica do legado freudiano. O debate que realizaremos girará em torno da pergunta pelo lugar assumido por Freud em relação à distinção entre as ciências da natureza e as ciências humanas, consequentemente, entre o explicar e o compreender.

1 HEIDEGGER E A PSICANÁLISE DE FREUD: INTRODUÇÃO À NATUREZA DE SUA ABORDAGEM FILOSÓFICA

O psiquiatra suíço Medard Boss foi uma das figuras responsáveis pela retomada do pensamento de Martin Heidegger depois da Segunda Guerra Mundial. Uma série de preleções – que aconteceram na cidade de Zollikon, na Suíça – foram ministradas por Heidegger a estudantes e profissionais da área psiquiátrica, em resposta a uma carta-convite enviada por Boss ao filósofo. Na referida carta, o psiquiatra acenava o seu interesse pela filosofia de *Ser e tempo* (1927). Tal interesse fora despertado ainda em tempos de guerra quando o médico, arrancado de seu trabalho de psicoterapeuta e docente, teve que se apresentar ao serviço militar numa tropa de montanha do exército suíço.⁸ Lá, confessa Boss, ficara entediado, pois a tropa sob seus auspícios era composta de fortes camponeses e montanheseiros acostumados ao trabalho pesado. Com tempo livre, encontrou-se, por acaso, com o texto de *Ser e tempo*. Boss, no prefácio ao livro *Seminários de Zollikon*, assumiu que inicialmente não compreendeu nada do conteúdo do tratado de 1927 e afirmou: “nesse livro eram colocadas questões e mais questões com as quais nunca tinha me deparado em toda minha educação científico-natural” (BOSS in: HEIDEGGER, 2007, p.IX /9).

⁸ Essas informações encontram-se no prefácio que Medard Boss escreveu para a obra *Seminários de Zollikon*, por ele organizada. cf.: Boss in: Heidegger, 2007,

O desapontamento causado pela complexidade da obra *Ser e tempo* fez com que o livro fosse deixado de lado, contudo, revelou Boss, “(...) estranhamente, ele [o livro] não me deixava em paz” (BOSS in: HEIDEGGER, 2007, p.IX /9). Depois de diversas retomadas da obra e de desconsiderar os julgamentos que o desaconselhavam a se ocupar com o pensamento heideggeriano, o psiquiatra começou um frutífero contato epistolar com Heidegger, que resultou não só na referida série de seminários – ministrados durante uma década na cidade Zollikon – como também numa coleção de 256 cartas. (cf.: BOSS in: HEIDEGGER, 2007, p.XI/11).⁹

Nesses seminários, Heidegger se empenhou em abordar questões cativas à seara da psicopatologia e da psicanálise a partir de um olhar ontológico, ou seja, a partir de um tipo de tematização que visa o fundamento, a herança filosófica da qual as ciências – de modo velado ou assumido – se servem. A empresa de lançar suspeitas filosóficas sobre teorias e teses científicas admitidas como seguras e inquebrantáveis foi construída com passos curtos, cuja meta era introduzir temas do seu pensamento entrelaçando-os com discussões sobre assuntos do cotidiano.¹⁰ Apesar de ter introduzido uma semântica filosófica radicalmente diferente dos códigos e termos familiares aos cientistas dos fenômenos psíquicos, Heidegger conseguiu, não sem dificuldade, motivar os seminaristas a ponto de nenhum deles desistir de participar das aulas durante todo o período de realização dos encontros. (cf.: BOSS, In: HEIDEGGER, 2007, p.XV/14)

Um dos alvos centrais da postura desconstrutiva, peculiar à filosofia de Heidegger, foi a psicanálise freudiana. Ao invés de tomar como óbvia a disseminada concepção de que Freud foi responsável por uma ruptura com a tradição filosófica moderna ao reivindicar o inconsciente como elemento constitutivo do psiquismo humano, Heidegger advertiu que tal ruptura não é tão simples de ser sustentada. Para tanto, denunciou que Freud transita sobre um solo, cujo húmus é o processo de objetificação (*Vergegenständlichung*)¹¹ do

⁹ Mais informações sobre o contexto histórico da obra *Seminários de Zollikon*, cf.: Safranski, 2000, p.471.

¹⁰ Um exemplo desse modo de condução dos seminários em Zollikon pode ser observado na preleção de 12 de março de 1965, na qual o professor debateu o cotidiano fenômeno de *estar-junto a*. Na ocasião, tomou como exemplo a relação enunciada pelos participantes com a Estação de Trem de Zurique. Heidegger diferenciou o *estar junto* do *estar simplesmente presente ao lado de*, apontando que se os alunos podiam *estar junto*, de distintas formas, à estação de trem da capital suíça, os sapatos, por mais grudados que pudessem estar a uma porta, nunca poderiam *estar junto a* esta. Ao fim de um longo debate, Heidegger apontou para os alunos a sua concepção de homem e a distinção dessa concepção com o que a metafísica moderna nos legou. Cf.: Heidegger, 2007, p.86-96/94-102. Sobre o modo como Heidegger conduzia as aulas em Zollikon, ver: Ribeiro, 2013.

¹¹ Trabalhamos o que Heidegger entende pelo processo de objetificação do real em Ribeiro, 2008. De modo sintético, cumpre esclarecer que tal processo consiste em fazer de qualquer coisa objeto, subordinar o advento da

real operado pela metafísica moderna. (HEIDEGGER, 2007, p.129/126). Ao acusar o quanto a abordagem freudiana do homem se serve de uma semântica oriunda da física, Heidegger argumentou que Freud, ao conceber o homem como um aparelho psíquico movido por forças pulsionais, construiu o perfil epistemológico da psicanálise em afinidade com as ciências da natureza.¹²

Especificamos, num outro artigo, o alargamento realizado por Heidegger em relação ao conceito de ciência natural e os motivos que autorizam o filósofo a classificar a psicanálise de Freud nessa categoria de ciência.¹³ Retomaremos, ainda que sinteticamente, o argumento heideggeriano ali apresentado. Para Heidegger, todo cientista natural é herdeiro do pensamento metafísico moderno, responsável pela redução do real a uma objetividade processável e calculável. Ao dizer que processo de objetificação (*Vergegenständlichung*) dos entes transforma tudo em algo calculável e mensurável, o filósofo nos alerta que o calcular não significa o simples ato de verter em números um determinado fenômeno. O calcular tem o sentido originário de um “contar com” (*zählen auf*) que força o ente a co-responder às condições de objetividade e mensurabilidade. Sendo assim, todo ente, com o qual desde sempre “já se conta”, deve mostrar-se como objeto.¹⁴ Na perspectiva heideggeriana, pensamos a mensurabilidade:

(...) **de modo insuficiente** se acharmos que se trata apenas de verificações determinadas por números. Na verdade, a mensurabilidade significa *calculabilidade* (*Berechenbarkeit*) isto é, uma observação da natureza que permite saber com que podemos contar em seus processos, com que podemos e com que devemos contar em seus processos. (HEIDEGGER, 2007, p. 135/131). [grifo nosso]

totalidade dos entes ao domínio objetivo. Isto significa: nada pode vir à luz que não seja determinado como tal. Cf.: Ribeiro, 2008.

¹² Vamos falar de aparelho psíquico freudiano mais adiante, por enquanto, convém informar que Freud caracteriza o psiquismo como um aparelho dividido em instâncias e com capacidade de transmitir e transformar energia. No capítulo VII da obra de 1900, *A interpretação dos sonhos*, Freud (1996a, p.636) explica a natureza desse aparato servindo-se de uma analogia com um telescópio e suas refrações de luz. Na referida obra, o pai da psicanálise esclarece que o aparelho que postula é dividido em três instâncias: Inconsciente (ICs), pré-consciente (PCs) e consciente (Cs). Enquanto a instância ICs do aparelho visa escoar a excitação que ali se acumula, as duas outras instâncias têm a função de inibir ou censurar o fluxo maciço da quantidade de excitação que provém do ICs. Como nos lembra Laplanche e Pontalis (2008, p.508), a partir de 1920, Freud passa a afirmar que o aparelho psíquico se compõe de Id, Ego e Superego. Nesse momento de nosso texto interessa menos explicitar o funcionamento desse aparelho, do que acentuar que, para Freud, a hipótese de um aparato psíquico está a serviço de colocar a psicanálise “(...) em bases semelhantes às de qualquer outra ciência, tal como, por exemplo, a física.” FREUD, 1996b, p. 210.

¹³ Cf.: Ribeiro, 2008.

¹⁴ No seminário de 06 de julho de 1965, Heidegger afirma: “A mensurabilidade pertence à coisa como objeto (*Gegenstand*). O medir só é possível quando uma coisa (*Ding*) é pensada como objeto, representada em sua objetividade (*Gegenständlichkeit*)” (HEIDEGGER, 2007, p.128/125).

Ainda que uma determinada ciência não lide com números, metrificações e quantificações, isso não significa que a mesma não esteja a serviço do movimento que obriga o fenômeno a responder às condições de objetividade e de calculabilidade, tal como entendidas por Heidegger. O “contar com”, nessa perspectiva, não é um cálculo ou uma operação numérica, mas sua condição de possibilidade, ou seja, a quantificação é algo derivado da maneira como o pensamento moderno estabeleceu a única forma de acesso aos fenômenos: a objetificação. Por isso, em *Ciência e pensamento do sentido*, Heidegger enuncia que “(...) toda objetificação (*Vergegenständlichung*) é um cálculo, quer corra atrás de efeitos e causas, numa explicação causal, quer, enfim, assegure em seus fundamentos um sistema de relações e ordenamentos”. (HEIDEGGER, 2002, p.50)

2 A ABORDAGEM HEIDEGGERIANA DA PSICANÁLISE E ESCRITOS DE FREUD: POSSÍVEIS PROXIMIDADES

Julgamos que seja factível relacionar a concepção heideggeriana de ciência natural com a posição assumida pelo próprio Freud ao defender a dimensão inconsciente como parte constituinte do psíquico. Com o intuito de elucidar essa relação nos serviremos, inicialmente, de passagens esclarecedoras contidas na obra freudiana intitulada *Esboço de psicanálise*. Nessa obra, escrita em 1938 e publicada em 1940, Freud (1996b, p.157) avisa ao leitor que objetiva “(...) reunir os princípios básicos da psicanálise e enunciá-los, por assim dizer, dogmaticamente, sob a forma mais concisa e em termos inequívocos”. A caminho dessa meta, o pai da psicanálise, no capítulo denominado *Qualidades Psíquicas*, ao fomentar uma discussão sobre a descrição do psíquico, indica que tanto pessoas ligadas a determinadas ciências, quanto alguns filósofos ficaram satisfeitos com a tese de que só a consciência é psíquica. Em meio a essa tematização reconhece que, apesar de o filósofo Theodor Lipps ter demonstrado uma insatisfação em relação a essa visão canônica do psiquismo, sua posição filosófica não teve influências profundas sobre a ciência.¹⁵ Em contrapartida, Freud advoga

¹⁵ No texto *Algumas lições elementares de psicanálise*, Freud (1996c, p.306) também se refere ao filósofo alemão Theodor Lipps. O pai da psicanálise, na medida em que reconhece que Lipps afirmou explicitamente que o inconsciente é o verdadeiro psíquico, acusa que este conceito vinha, há tempos, batendo às portas da psicologia e pedindo guarida. A sua psicanálise, contudo, “(...) apossou-se do conceito, levou-o a sério e forneceu-lhe um novo conteúdo.” (FREUD, 1996c, p.306). Também na obra *A interpretação dos sonhos* encontramos um comentário de Freud sobre a importância de Lipps na pressuposição do inconsciente como base geral da vida psíquica. Cf. Freud, 1996a. Sobre a influência de Lipps em relação à psicanálise de Freud, conferir também: Loparic, 1999a.

que a sua forma de fazer psicologia, finalmente, deu o tratamento sistemático ao inconsciente e colocou em xeque a psicologia da consciência. Nesse sentido, afirma que:

Enquanto a psicologia da consciência nunca foi além “das sequências rompidas” que eram obviamente dependentes de algo mais, a outra visão, que sustenta que o psíquico é inconsciente em si mesmo, capacitou a Psicologia a assumir seu lugar entre as ciências naturais, como ciência. Os processos em que está interessada são, em si próprios, tão incognoscíveis quanto aqueles que tratam as outras ciências, a Química ou a Física, por exemplo; mas é possível estabelecer as leis a que obedecem (...). (FREUD, 1996b, p.172)

Da enunciação acima podemos deprender que a psicologia da consciência ou, se quisermos, a psicologia que equivale o psíquico ao consciente, falha ao tentar imputar à nossa consciência o poder de causar e gerir todas as nossas ações, em consequência disso, tal psicologia carece de mecanismos para explicar as rupturas e lacunas que temos na memória. A suposição de uma instância psíquica inconsciente, defendida pelo tipo de Psicologia profunda inaugurada por Freud, favorece o reconhecimento de que nada na vida anímica é por acaso ou arbitrário. Por conseguinte, ainda que não se possa acessar diretamente esse inconsciente, torna-se legítimo supor a sua existência como fator causal de atos psíquicos que não encontram explicações atreladas à consciência. Dizer que o inconsciente é incognoscível, não implica dizer que não se possa, em sentido heideggeriano, “contar com” ele para explicar objetivamente a causalidade de atos psíquicos inexplicáveis a partir de motivações conscientes.¹⁶ Ao fazer isso, Freud compara o seu modo de fazer ciência com o das mais antigas e, por que não dizer, mais duras: a física e a química. Em suma: o fato de o inconsciente ser, em si mesmo, incognoscível, não significa que não possa receber um tratamento científico e que não se possa, com a sua suposição, estabelecer leis que regulam a vida psíquica. Eis o elemento inaugural da psicanálise freudiana: o tratamento científico de um termo que foi “manipulado distraidamente” pela literatura e pela filosofia (FREUD, 1996c, p.306).¹⁷ Sobre um solo gestado pelo que Heidegger alcunha de processo de objetificação (*Vergegenständlichung*) do real, a psicanálise, “por suas pesquisas, foi

¹⁶ Em *Determinismo, crença no acaso e superstição – alguns pontos de vista*, Freud, ao defender que não existe arbitrariedades na vida psíquica, afirma: “Quando levamos em conta a distinção entre motivação consciente e motivação inconsciente, nosso sentimento de convicção nos informa que a motivação consciente não se estende a todas as nossas decisões motoras. (...) Mas o que é assim liberado por um lado recebe sua motivação por outro, do inconsciente, e desse modo o determinismo prossegue ainda sem nenhuma lacuna.” FREUD, 1996d, p.250

¹⁷ Zeferino Rocha, em seu texto *Freud e a Filosofia alemã na segunda metade do sec. XIX*, afirma que não deixa de ser interessante constatar que, muito antes de Freud, Eduard von Hartmann, em seu livro *Filosofia do Inconsciente*, tenha tentado tratar do tema do inconsciente com o fito de reunir, em um só sistema filosófico de inspiração romântica, a especulação metafísica e a base empírica com o método das ciências naturais e históricas. Cf.: Rocha, 2004, p.52

conduzida a um conhecimento das características do inconsciente psíquico que até então não haviam sido suspeitadas e descobriu algumas das leis que o governam” (FREUD, 1996c, p.306).

A busca incansável de leis que regulam a vida psíquica e o pleito por um tratamento científico a um conceito que a literatura e a filosofia abordou de maneira tateante – o inconsciente – indicam que Freud pretendeu conferir ao psiquismo um tipo de explicabilidade que possibilitasse à psicanálise, como foi citado acima, “(...) assumir o seu lugar de ciência natural, como ciência”. Portanto, a diferenciação, na esfera psíquica, entre o que é consciente (*Bewusstes*) e inconsciente (*Unbewusstes*) é vista por Freud (2007, p. 29) como um pressuposto fundamental que capacitou à psicanálise “integrar à ciência os frequentes e relevantes processos patológicos da vida psíquica”.

Ao escrever sobre a construção de seu perfil de pesquisador e sobre a formulação das teses fundamentais da ciência psicanalítica Freud, na obra intitulada *A autobiografia*, afirma que a experiência lhe possibilitou postular a existência do inconsciente apesar dos protestos dos filósofos que equacionam o psiquismo à consciência. Tal experiência, salienta o autor, foi adquirida a partir do contato com o material patológico que os filósofos ignoram. Com o intuito de dar sentido a este material e, devido ao fato de a observação direta não ser suficiente para explicá-lo, Freud postulou a existência de uma instância inconsciente a compor o psiquismo. Ao tentar esclarecer ao leitor sobre a natureza deste postulado, o pai da psicanálise afirma:

Mais difícil seria expor brevemente como a psicanálise chegou a subdividir o inconsciente por ela admitido, a separá-lo em um pré-consciente e um inconsciente propriamente dito. Talvez baste a observação de que pareceu legítimo completar as teorias que são a expressão direta da experiência com hipóteses que são adequadas para o domínio do material e concernem a relações (*Verhältnisse*) que não podem ser objeto da observação direta. **Em ciências mais antigas também não se costuma agir de outra forma.** A subdivisão do inconsciente liga-se à tentativa de imaginar o aparelho psíquico como sendo constituído de um determinado número de *instâncias* ou *sistemas*, de cujas relações entre si falamos em termos de espaço, mas sem buscar nexos com a anatomia cerebral. (o que denominamos de ponto de vista topológico). Essas ideias e outras semelhantes pertencem à superestrutura da psicanálise (...) (FREUD, 2011, p. 110)[grifo nosso]

Do exposto acima podemos depreender que o conceito de inconsciente cumpre a função de ser uma hipótese frutífera para tornar inteligível o material empírico e estabelecer relações (*Verhältnisse*) que não podem ser objeto da observação direta. Por pertencer à superestrutura da psicanálise, ou seja, à teoria metapsicológica, tal conceito é de natureza

especulativa. Em função disso, Freud não pleiteia apontar a localização concreta ou demonstrar empiricamente o aparato psíquico com sua instância inconsciente.¹⁸ O conceito de inconsciente, tal como o de aparelho psíquico, resente de exatidão, de absoluta nitidez. Tais conceitos são convenções usadas para explicar fenômenos empíricos, apesar de não se confundirem com tais fenômenos; são hipóteses ou construções auxiliares que servem para organizar dados empíricos, contudo, tais construções não possuem realidade objetiva, portanto, não são passíveis de demonstração ou comprovação. O uso deste tipo de recurso, como o próprio Freud indica na citação acima, não impugna a cientificidade da psicanálise, afinal, trata-se de um expediente utilizado pelas ciências mais antigas.

Loparic, no texto *A máquina no homem*, nos adverte que a formulação freudiana do aparelho psíquico sofreu influência do neokantiano Hans Vaihinger e de sua teoria do *como se*, a qual autoriza o pesquisador a fazer comparações e analogias para descrever um objeto que não é passível de observação direta.¹⁹ Avalizado pela perspectiva vaihingeriana Freud não advoga pela existência de uma máquina no homem, mas presume que seu psiquismo funcione *como se* fosse um aparato. Ao postular a máquina psíquica, ainda segundo Loparic (2005, p.245), Freud recorre à metodologia convencionalista, também de origem kantiana e muito difundida entre os cientistas de língua alemã.²⁰ Segundo tal metodologia, a ciência pode lançar mão de convenções teóricas que não encontram referentes empíricos, mas que são profícuas na organização de dados observáveis.

¹⁸ Segundo Garcia-Roza a advertência freudiana para que não identifiquemos os lugares psíquicos com lugares anatômicos força-nos a localizar representações em lugares ideais e não lugares físicos, da mesma forma que, num aparelho óptico, as imagens se formam entre as lentes que compõem o aparelho e não sobre seus componentes físicos. Cf.: Garcia-Roza, 2008, p.157. Esta ponderação de Garcia-Roza torna inteligível a insistência de Freud (1996a e 1996b) em falar da máquina psíquica em analogia com uma máquina fotográfica e com telescópio.

¹⁹ Na obra *A filosofia do como se* Vaihinger afirma: “todo conhecimento é apercepção de algo através de algo outro. Portanto, na compreensão, uma analogia é sempre operada. E não podemos ver como compreender o ser se não for desta forma. Quem conhece o mecanismo do pensamento sabe que toda compreensão e todo conhecimento se fundam em apercepções analógicas. (...) a compreensão do mundo é totalmente impossível (...) porque todo compreender só opera por via de categorias, e estas, em última instância, não representam senão apercepções analógicas”. (VAHINGER, 2011, p. 151-152).

²⁰ Segundo Loparic (2001, p.100) Freud não objetiva demonstrar a *natureza* do psiquismo, mas sim a maneira como ele funciona. Sendo assim, o pai da psicanálise não almeja construir uma espécie de ontologia da subjetividade capaz de afirmar, em definitivo, o que é o psíquico, a sua quiddidade. O que interessa a Freud é teorizar sobre o como funciona o psiquismo e, para isso, considera lícito se servir de construções e convenções que não pleiteiam ter o valor de verdade, apenas valor heurístico. Quer dizer: elas servem como guias da pesquisa empírica, como instrumentos para a resolução de problemas. O convencionalismo presente na ciência freudiana foi visto por Popper (1994) como algo que impõe à psicanálise a condição de pseudo-ciência. Como podemos notar, o modelo convencionalista é algo bastante difundido entre ciências como a física e a química. O próprio conceito de força, na física, é um constructo da natureza de uma convenção. Cf.: Fulgencio, 2008.

Na obra *Princípios metafísicos da ciência da natureza* Kant (1990) estabelece que conceitos puros da razão, apesar de não apresentarem referentes empíricos, podem ser muito exitosos na produção de conhecimentos. Isso implica dizer que, no programa kantiano de pesquisa científico-natural, o uso de conceitos *a priori* não é algo abjeto a ser evitado e sim algo que faz parte dos requisitos para o progresso da ciência. Ao servir-se de conceitos puros que não possuem conteúdos intuitivos relacionados, a razão não está portando-se de modo indolente, ao contrário, está agindo diligentemente com o fito de descobrir leis que regem os fenômenos, bem como as relações que se estabelecem entre eles. Como o próprio Freud indicou – na passagem de *A autobiografia* mencionada acima – algumas hipóteses sem a pedra de toque da experiência podem ser úteis para estabelecer “(...) relações (*Verhältnisse*) que não podem ser objeto da observação direta”. (FREUD, 2011, p. 110)²¹

Ao longo de sua laboriosa pesquisa Freud postulou duas tópicas para o aparelho anímico. No quadro da **primeira tópica** o inconsciente é a localização onde se encontram os conteúdos incompatíveis com a consciência e que fazem força para acessá-la. É na instância inconsciente, diz Freud (1996a, p.570), que se localizam aquelas “impressões que maior efeito causaram em nós – as de nossa primeira infância”, as impressões que quase nunca se tornam conscientes. O pré-consciente designa um sistema distinto do inconsciente na medida em que seus conteúdos, apesar de não estarem diretamente na consciência, são de mais fácil acesso do que os inconscientes. Esses dois sistemas são separados por uma censura, que não permite a passagem de conteúdos inconscientes à consciência sem mutilações e distorções. A partir de 1920, quando da remodelação da teoria freudiana do aparelho psíquico, é estabelecido o quadro da **segunda tópica** e as instâncias são cambiadas de Inconsciente, pré-consciente e consciente para: Id (*Es*), Ego (*Ich*) e Superego (*Über-Ich*). Consoante essa segunda topografia, o inconsciente, como lembra Laplanche e Pontalis (2008), passa a ter conotação de adjetivo. Freud fala em conteúdos inconscientes que habitam o celeiro pulsional do aparelho psíquico: o Id. O ego, segundo Freud (1996b, p.158), consiste na instância que

²¹ Para Kant (1990), por carecer da pedra de toque da experiência, os princípios e leis fornecidos pela razão são conceitos puros, são ideias. As ideias – apesar de não serem verificáveis – podem funcionar como ficções capazes de organizar o uso sistemático do entendimento no campo da experiência. Tais ficções teriam valor heurístico. Na *Crítica da Razão Pura*, Kant afirma: “Os conceitos da razão (...) são meras ideias e não têm, evidentemente, objeto algum em qualquer experiência, mas não designam por isso objetos imaginados e ao mesmo tempo admitidos como possíveis. São pensados de modo meramente problemático para fundar em relação a eles (como ficções heurísticas) princípios reguladores do uso sistemático do entendimento no campo da experiência.” (KANT, 1994, B 799)

atua como intermediária entre o Id e o mundo externo. Seu esforço incide em buscar o prazer e evitar o desprazer e isso, por vezes, é alcançado a partir de um controle das exigências impostas pelas pulsões oriundas do Id. Durante a infância, forma-se no aparelho “(...) um agente especial no qual se prolonga a influência parental. Ele recebeu o nome de Superego”. (FREUD, 1996b, p.159).

Apesar da mudança na arquitetura ficcional do psiquismo Freud não abriu mão do uso da analogia com máquinas para falar do funcionamento psíquico. O que nos interessa destacar em relação à sua formulação do conceito de inconsciente e de aparelho psíquico é: 1) Freud – ancorado em um programa para a ciência da natureza de inspiração kantiana – se serve de convenções com valor heurístico para falar da dinâmica do psiquismo; 2) as formulações metapsicológicas utilizam o expediente de falar por analogias tal como as ciências mais antigas.

Leopoldo Fulgencio, na IV parte da obra *O método especulativo em Freud*, nos esclarece sobre a aplicação de ficções heurísticas à matéria empírica utilizando o recurso da analogia. Esse recurso visa dar certo conteúdo intuitivo, ainda que impróprio, aos conceitos puros. O autor nos afirma que, para Kant, o uso de analogias nas ciências cumpre a função de um tipo de regra para a pesquisa, ou seja, um “(...) esquema que torna possível procurar relações ou termos de uma relação” (FULGENCIO, 2008, p.365). Quer dizer: a comparação analógica consiste em um tipo de recurso que o cientista pode lançar mão com o fito de conferir inteligibilidade a um fenômeno ou a relações entre fenômenos. Segundo o programa kantiano para a pesquisa na ciência da natureza, diz Fulgencio (2008, p.366), as analogias funcionam como modelos heurísticos de investigação. Uma vez que os conceitos puros não podem ser preenchidos por uma matéria sensível, resta ao pesquisador projetar em tais conceitos, de forma analógica, certas propriedades relativas ao campo empírico. Fulgencio nos ilustra essa operação com o conceito de força na física:

É assim, por exemplo, que o conceito de força, que é apenas uma *ideia* sem correspondente (referente) empírico, é tomado como se tivesse uma realidade análoga à da pressão que sentimos quando algo toca nosso corpo ou quando colocamos o nosso corpo em movimento. (FULGENCIO, 2008, p.368)

Dos argumentos arrazoados acima, podemos concluir que a ferramenta de interpretação analógica é um recurso imprescindível quando o cientista precisa lançar mão de conceitos que não encontram referência direta no campo empírico. Consoante Loparic (2002),

o uso de analogias é uma prática muito difundida e indispensável para as pesquisas no campo das ciências da natureza. A legitimidade dessa prática é tamanha que o físico vienense Ernst Mach (1919), em sua obra *La connaissance et l'erreur*, apontou que, desde a antiguidade, a produção do saber se serviu de analogias. No capítulo XIII da obra em comento, Mach (1919, p.156) dedica-se a elencar exemplos de comparação analógica que foram cabais para o desenvolvimento tanto da ciência antiga quanto da moderna. Lembra-nos que Euclides e Platão se serviram de analogias para falar em geometria e que Descartes utilizou, em demasia, analogias entre a álgebra e a geometria. Um exemplo notável de descoberta feita de modo analógico, segundo Mach (1919, p.160), refere-se à teoria da propagação do calor de Fourier, a qual foi desenvolvida por analogia com a teoria hidrodinâmica. Ao indicar o quão vantajoso para ciência é o estabelecimento de relações analógicas entre fenômenos, Mach cita exemplos exitosos de descobertas no campo das ciências naturais que resultaram da utilização do método analógico. Evidentemente, não nos interessa inventariar como cientistas modernos se serviram de comparações analógicas no estabelecimento de relações abstratas entre dois ou mais fenômenos. Interessa-nos apenas indicar que o postulado de um aparelho psíquico composto por uma inconsciente não rompe com o modelo moderno de fazer ciência, ao contrário, reverbera seus ditames.

Cumprе lembrar que Freud, ao lamentar as contestações que surgiram em relação à suposição de um elemento inconsciente a constituir o psiquismo defendeu, com veemência, que tal conceito é legítimo, necessário e passível de comprovação. Vejamos o que ele diz sobre isso no artigo denominado *O inconsciente*:

Nosso direito de supor a existência de um psiquismo inconsciente e de trabalhar cientificamente com essa suposição tem sido contestado por muitos. Podemos responder que a suposição do inconsciente é *necessária* e *legítima* e que dispomos de numerosas *provas* de sua existência. Ela é necessária, porque os dados da consciência têm muitas lacunas. Tanto em pessoas sadias quanto em doentes ocorrem com frequência atos psíquicos que, para serem explicados, pressupõem a existência de outros atos para os quais, no entanto, a consciência não fornece evidências. (FREUD, 2006, p.19) [itálicos de Freud].

Ao arvorar estabelecer provas acerca da existência do inconsciente e efetuar uma explicação sobre as leis que o governam, Freud almeja alcançar feitos típicos das ciências naturais modernas. Veremos que “explicar” e “provar” não são verbos, nem pretensões, peculiares à pesquisa que concerne ao campo das ciências do homem ou ciências do espírito. Ao sustentar a tese da existência do inconsciente, parece que Freud não se situa à margem da ciência natural do seu tempo, posto que ao inconsciente ele pretende dar um

tratamento tão científico quanto o que as ciências mais antigas, como a física e a química, dispensam aos seus objetos. Na obra *Seminários de Zollikon*, Heidegger se refere a essa característica da pesquisa freudiana da seguinte maneira:

Ele [Freud] também postula para os fenômenos humanos conscientes a ausência de lacuna na explicabilidade, isto é, a continuidade das conexões causais. Por não haver isto “na consciência” ele precisa inventar “o inconsciente”, no qual tem de haver a ausência da lacuna de conexões causais. **O postulado é a explicabilidade corrente do anímico, onde explicar e compreender são identificados.** Este postulado não é tirado das próprias manifestações anímicas, mas ele é o postulado da ciência natural moderna. (HEIDEGGER, 2007, p. 260/222) [grifo nosso]

Nessa passagem, Heidegger indica como o explicar, enquanto ato de procurar uma causa com vistas à ordenação de leis gerais, determina o modo de acesso da psicanálise aos fenômenos anímicos. Mas, convém perguntar, por que o filósofo de *Ser e Tempo* afirma que Freud identifica o explicar com o compreender? Compreender (*verstehen*) e explicar (*erklären*) não são verbos antípodas quando tratamos dos campos de conhecimento? Do ponto de vista epistemológico, a explicação não estaria a serviço das ciências da natureza e a compreensão não seria o modo *sui generis* como as ciências do espírito apreendem os fenômenos que investigam? Então, com que fundamento Heidegger sonega a Freud a percepção desse dualismo e nos fala de uma identificação entre compreender (*verstehen*) e explicar (*erklären*)?

Como a obra *Seminários de Zollikon* é composta por um tipo de linguagem típica de registros em atas, ou seja, como nessa obra nos deparamos apenas com apontamentos e não com discussões profundas sobre os temas apresentados, decidimos recorrer a epistemólogos da psicanálise freudiana com o fito de lançar luz sobre a clareira aberta pela assertiva heideggeriana que denuncia, em Freud, uma identificação entre compreender (*verstehen*) e explicar (*erklären*). Esse tema não é pormenorizado na obra em comento, por isso, nos sentimos no direito de apelar para outras fontes de estudo da obra freudiana que a abordam numa perspectiva epistemológica. Faremos isso com o fito de dar uma maior fundamentação à posição de Heidegger em relação à explicabilidade dos fenômenos psíquicos na psicanálise. Almejamos executar essa tarefa no tópico seguinte.

3 A POSIÇÃO HEIDEGGERIANA E A EPISTEMOLOGIA DA PSICANÁLISE: PROXIMIDADES E DISTANCIAMENTOS.

Com o intuito de responder às questões levantadas no tópico anterior, recorreremos, inicialmente, ao clássico livro *Introdução à epistemologia freudiana* de Paul Laurent Assoun, renomado comentador e epistemólogo da obra de Freud. No texto em questão, o autor indica que planeja submeter o legado freudiano a um tipo de investigação que possibilite a detecção de suas condições de possibilidade, de seus métodos e das fontes que alimentam sua identidade epistêmica. Ao tentar identificar a plataforma epistemológica de Freud, Assoun (1983, p.45) nos remete à posição do pai da psicanálise em relação ao que foi nomeado “querela dos métodos” (*Methodenstreit*), em outros termos, em relação à oposição entre as ciências da natureza (*Naturwissenschaften*) e as ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*). Com o propósito de situar o contexto de pensamento que, no fim do séc. XIX, colocou na ordem do dia a oposição entre os métodos dessas ciências, Assoun indica o quanto a obra de Dilthey, *Introdução às ciências do espírito*, finalmente institucionalizou a contraposição – já introduzida por Droysen – entre explicar e compreender.²² Enquanto as ciências naturais almejam explicar os objetos mediante o estabelecimento de leis universais e juízos de realidade, as ciências do espírito ou humanas, em contrapartida, visam compreender os fenômenos a partir de sua singularidade situada historicamente, a partir de uma busca pelo sentido. Como nos assegura Garcia-Roza (1991,p.72), as ciências da natureza operam com conexões causais e as do espírito com conexões de sentido, as primeiras trabalham com categorias de causalidade e as segundas de significação. Frente a essas últimas categorias, ressalta o autor, não se pode adotar uma atitude explicativa.

Para Mezan, essa oposição entre explicar e compreender ancora-se na concepção de que haveria dois tipos de objetos: os naturais – que existem independentes da ação do homem – e os “(...) históricos ou culturais, ou seja, tudo aquilo que resulta da vida em sociedade e caracteriza a existência humana” (MEZAN, 2007, p.328). Posto isso, o autor nos fala de uma diferença ontológica entre o humano e o natural e reforça a necessidade do “(...)

²²Sá (2009, p.40), em seu texto *As contribuições de Dilthey para uma fundamentação hermenêutica das ciências humanas*, também documenta que Dilthey tomou emprestada a distinção entre “explicar” (*erklären*) e “compreender” (*verstehen*) do historiador Johann G. Droysen. Conforme Sá, o método científico-natural ancora-se na “explicação” pelo esclarecimento das conexões causais, as ciências do espírito, por sua vez, se fundam na “compreensão” enquanto apreensão de sentido. Cf: Sá, 2009, p.40.

emprego de métodos diversos no estudo de cada uma dessas regiões do real” (MEZAN, 2007, p.328). Em função dessa necessidade, o fim do século XIX testemunhou a emergência de uma reivindicação metodológica que se destinasse ao domínio exclusivamente humano, ou seja, de um método capaz de considerar a complexa rede de sentidos cativa ao âmbito humano. Esse pleito resultou na querela dos métodos (*Methodenstreit*). Mas, convém perguntar, qual a posição de Freud em relação a esse antagonismo metódico?

Em relação a essa contenda metodológica, Assoun (1983, p.48) nos assegura que Freud não escolhe a identidade de *Naturwissenschaft* em oposição à *Geisteswissenschaft*, pois, para o comentador, o pai da psicanálise sequer considera esse dualismo. Dito de outra forma: a alternativa da escolha não existe visto que, para Freud, a cientificidade se refere necessariamente às ciências da natureza. Nesse sentido, afirma o comentador francês da obra de Freud:

Na epistemologia freudiana, pois, não há lugar para um dualismo. Tanto isto é verdade, que a distinção entre as *Geisteswissenschaften* e as *Naturwissenschaften* remete a uma distinção de duas esferas axiologicamente diferentes. Ainda é pouco dizer que, para Freud, a psicanálise é uma *Naturwissenschaft*: na realidade, não há, literalmente falando, ciência senão da natureza. *Naturwissenschaft* equivale, praticamente, a *Wissenschaft*. Quer dizer: a ambição de cientificidade remete, de modo exclusivo e pleonástico, a uma norma que emana de uma ciência da natureza. É por este motivo que, nos escritos de Freud, a alternativa é tão clara: se a psicanálise é uma ciência digna de nome, então ela é *Naturwissenschaft*. (ASSOUN, 1983, p.50.)

Consoante a citação acima, a antítese entre ciências da natureza e do espírito sequer é considerada pelo pai da psicanálise. Por isso, ao reivindicar o estatuto de ciência para sua pesquisa, Freud, sem titubear, se refere ao seu saber como científico-natural.²³ Para Assoun (1983, p.48), o pai da psicanálise “ignora placidamente” a dicotomia entre explicar e compreender, o que reforça a sua tese de que Freud não escolhe entre um método e outro, pois “(...) não conhece outra forma de fazer ciência”. (ASSOUN, 1983, p.48)

Ora, ao analisar o que foi arrazoado sobre a postura freudiana em relação ao antagonismo entre explicar e compreender, somos compelidos a ponderar que, apesar da popularidade da expressão *Freud Explica!*, é muito difícil desconsiderar que a psicanálise lida com sentidos e que a interpretação é sua mola mestra. Sendo assim, convém perguntar: será

²³ A inserção da psicanálise no rol das práticas científico-naturais do seu tempo foi um pleito incansável de Freud. Podemos encontrar registros dessa pretensão e a comparação da psicanálise com as ciências naturais, especialmente a física, ao longo da obra freudiana, inclusive nas obras tardias: *Esboço de psicanálise* (1996b) e *Algumas lições elementares de psicanálise* (1996c).

que a psicanálise freudiana pode ser associada, tão diretamente, à ciência natural, cujo procedimento cardeal consiste na explicação dos fenômenos? Como aceitar, sem desconforto, que a explicação é o procedimento régio da ciência freudiana se sua clínica se baseia, primordialmente, na interpretação do material onírico, na busca de sentidos latentes?

Tais perguntas nos conduzem à obra de outro pensador francês que se debruçou sobre o discurso freudiano com o intuito de abordá-lo a partir de uma perspectiva filosófica. Trata-se de Paul Ricoeur (1965), cuja obra *De l'interprétation: essai sur Freud* nos apresenta uma demorada análise acerca do itinerário da pesquisa freudiana. Apesar de reconhecer, especialmente nos primórdios psicanálise, a presença de um discurso mecanicista e naturalista que se refere a quantidades de energias circulando entre neurônios, Ricoeur insiste em apontar um outro lado da face epistemológica de Freud, qual seja, o campo da interpretação, da exegese de sentido; o campo da hermenêutica.²⁴

No capítulo intitulado “O conflito das interpretações”, Ricoeur (1965, p. 29/28) investiga a relação entre a psicanálise e o trabalho de interpretação. O autor destaca que a tradição hermenêutica da exegese bíblica, apesar das limitações oriundas da referência à autoridade, avançou por estender a noção de “texto” para além da de “escritura”. Desde o Renascimento, a *interpretatio naturae* – como uma metáfora à interpretação do livro da natureza – fez surgir uma noção de exegese ancorada na concepção de que o “texto” ultrapassa a “escritura”. Consoante Ricoeur:

Esta noção de “texto” – libertada da noção de “escritura” – é interessante: Freud recorre a ela com frequência, especialmente quando compara o trabalho de análise com a tradução de uma língua para outra. O relato do sonho é um texto ininteligível que o analista substitui por um texto mais inteligível. Compreender é fazer esta substituição. É essa a analogia entre a análise e a exegese que alude o título da *Traumdeutung* (...). (RICOEUR, 1965, p.34/31)

É este conceito ampliado de exegese que norteia o enquadramento da psicanálise na condição de uma *hermenêutica da suspeita*. Um sonho, um sintoma, uma obra de arte, uma crença são compreendidos por Freud à luz da suspeita sobre os alcances da consciência. Para Ricoeur, Marx, Nietzsche e Freud seriam três mestres da suspeita posto que,

²⁴ Em *De l'interprétation: essai sur Freud* Ricoeur indica que Freud, Marx e Nietzsche – de diferentes modos, mas com um parentesco subterrâneo – são mestres da suspeita por instaurarem uma crítica à consciência e pela invenção de uma arte de interpretar. Segundo o autor “Descartes vence a dúvida sobre a coisa através da evidência da consciência. Eles vencem a dúvida sobre a consciência através da exegese de sentidos. A partir deles a compreensão se torna hermenêutica.” (RICOEUR, 1965, p.41/37). Para a obra *De l'interprétation: essai sur Freud* indicaremos, inicialmente, a paginação do original e, em seguida, apresentaremos a página da tradução brasileira.

diferentemente de Descartes, não entendem que a dúvida sobre a coisa se vence com a certeza sobre a consciência. Os mestres da suspeição empenham-se em vencer a dúvida sobre a consciência com a exegese do sentido. Sendo assim:

Se remontarmos à sua intenção comum, descobriremos nela a decisão de considerar a consciência, em seu conjunto, como consciência “falsa”. Retomam, assim, cada um num registro diferente, o problema da dúvida cartesiana, para transportá-la ao interior mesmo da fortaleza cartesiana. O filósofo formado na escola de Descartes sabe que as coisas são duvidosas, que não são tais como aparecem. Mas, não duvida de que a consciência não seja tal como ela aparece a si mesma: nela, sentido e consciência de sentido coincidem. Depois de Marx, Nietzsche e Freud, duvidamos disso. Após a dúvida sobre a coisa, ingressamos na dúvida sobre a consciência. (RICOEUR, 1965, p.41/37)

Enquanto Marx encaminhou sua suspeita para o campo da alienação econômica e Nietzsche para o da vontade de poder, Freud ingressou na crítica à consciência falsa por uma dupla entrada: o sonho e o sintoma neurótico. A suspeita em relação ao poder da consciência foi levada a cabo pela astúcia da decifração dos enigmas presentes nos conteúdos oníricos e nos sintomas. Apesar de reconhecer a presença de um certo naturalismo nos primórdios das investigações psicanalíticas, Ricoeur (1965, p.75/67) afirma categoricamente: “(...) não resta dúvida de que a psicanálise seja uma hermenêutica (...)”. Para entendermos esta análise reputamos que seja importante indicar, ainda que de modo rápido, a maneira como Ricoeur concebe o começo do percurso do pensamento freudiano. Para o autor, o texto freudiano que pensa, explicitamente, o funcionamento psíquico numa abordagem quantitativa e neuronal é *O projeto para uma psicologia científica*, que foi escrito em 1895, mas só publicado em 1950.²⁵ Segundo Monzani (1989, p.82), Ricoeur entende que essa obra encontra-se mergulhada em pressupostos naturalistas, visto que trata o psiquismo a partir de princípios mecânicos.

Já nas primeiras linhas d’ *O projeto*, alerta Garcia-Roza (1991, p.78), Freud afirma seu propósito em oferecer uma concepção quantitativa dos processos psíquicos. Visto que o pai da psicanálise se refere, nessa obra, a neurônios e a circulação de energia entre eles, o texto é considerado por Ricoeur como um trabalho de neuropsicologia. Dito isso, convém retomar o comentário sobre a leitura operada por Ricoeur em relação ao aspecto interpretativo e exegético da psicanálise de Freud.

Para fundamentar sua posição, Ricoeur nos remete à teoria freudiana do trabalho do sonho, desenvolvida em *A interpretação dos sonhos* (1900). Ao analisar essa obra

²⁵ Doravante nos referiremos a essa obra como *O projeto*.

de Freud, o autor nos indica que o ofício do analista é, via interpretação, se mover “(...) de um sentido menos inteligível em direção a um sentido mais inteligível” (RICOEUR, 1965, p.96/84).²⁶

De acordo com Ricoeur, se o sonho está a serviço de um desejo distorcido em imagens e representações, a elucidação de seu conteúdo só será possível com o recurso da interpretação. Ainda que na “montagem” do material onírico o aparelho psíquico seja mobilizado por forças de censura, por mecanismos que asseguram a distorção (*Entstellung*) de conteúdo, ou seja, ainda que mecanismos hauridos de um solo naturalista e energetista sejam usados para elucidar o trabalho do sonho, esse trabalho só será acessível via interpretação.²⁷ Portanto, conclui Ricoeur, tudo se subordina à interpretação, à exegese de sentidos, à decifração. Nessa perspectiva, mesmo que o freudismo, por vezes, nos faça esbarrar com uma linguagem peculiar às ciências da natureza, o discurso psicanalítico não pode ser entendido como algo puramente científico-natural. Minimamente, deveríamos, de acordo com Ricoeur, reconhecer a presença de uma linguagem que exige elementos cativos ao campo das ciências do espírito, ou seja, deveríamos constatar a presença de um modo de proceder que elege a interpretação e a compreensão de sentidos como a via de acesso ao conteúdo inconsciente. Como vimos, essa abordagem freudiana, marcada pela exegese e busca de sentidos, Ricoeur denomina de hermenêutica. Para ele Freud é um combatente da hermenêutica da suspeita.

Se a decodificação do sentido do sonho está no cerne da clínica e da teoria psicanalítica, não seria possível sustentar que o “demônio fisicalista” d’*O Projeto* – para usar uma expressão de Monzani (1989, p.60) – tenha começado a ser “exorcizado” em *A interpretação dos sonhos?* Nessa obra, assevera Ricoeur, Freud transita por um discurso misto e não está absolutamente preso às amarras naturalistas. Essa ambiguidade indicada por

²⁶ Segundo Franco (1995, p. 114), Ricoeur defende que a interpretação do sonho realiza uma decifração de um material distorcido, visando à passagem de um texto mais obscuro para um texto decifrado. Portanto, se “(...) o sonho é signo com sentido e passível de interpretação” (FRANCO, 1995, p.114), a psicanálise, na perspectiva ricoeuriana, nunca poderá ser enquadrada como uma pura ciência natural.

²⁷ Segundo Laplanche, o trato com a formação dos sintomas e com o material onírico fez Freud postular que o funcionamento da vida psíquica é regido por processos e mecanismos específicos. Os processos são denominados de primário e secundário. O primeiro refere-se à energia que circula livremente no aparelho psíquico, fluindo, sem obstáculos, de uma representação a outra. No caso do segundo, essa energia se liga a determinadas representações e a satisfação é adiada considerando os controles da realidade. Os mecanismos presentes na formação dos sonhos e ligados ao processo primário são: deslocamento – refere-se a um deslocar da energia psíquica rumo a um investimento em representações que se associam – e a condensação, que consiste em condensar em uma única representação um investimento de energias ligadas a diferentes cadeias. Cf. Laplanche e Pontalis (2008, p. 87, 116 e 372).

Ricoeur, poderíamos objetar, não foi considerada por aqueles que teceram críticas severas ao naturalismo freudiano, a saber, Heidegger e Assoun.²⁸

Será que a psicanálise de Freud, por utilizar a interpretação como via mestra da prática clínica, consegue se esquivar de um enquadre no rol das ciências da natureza? Porventura podemos, com Ricoeur, afirmar que a psicanálise institui um discurso misto e que a armadura científico-natural, presente no início do freudismo, não lhe cabe por inteiro? Com tais questões nos encaminhamos para as considerações finais de nosso texto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O LUGAR FREUDIANO NA QUERELA DOS MÉTODOS (*METHODENSTREIT*)

Vimos, ao longo desse artigo, que Assoun assevera que Freud só conhece um modo de fazer ciência, o científico-natural, e que o pai da psicanálise ignora placidamente o antagonismo entre ciências naturais e do espírito. Heidegger, por sua vez, o acusa de identificar o compreender (*verstehen*) e o explicar (*erklären*). Será que ambos pensadores negligenciaram a função da interpretação na clínica freudiana?

Para o autor de *Introdução à epistemologia freudiana* não há sentido dicotomizar a *démarche* freudiana em uma parte explicativa (linguagem energetista, quantificadora) e uma parte interpretativa (linguagem hermenêutica, de compreensão do sentido oculto dos sonhos, dos sintomas e atos falhos).²⁹ De acordo com Assoun (1983, p.49), em momento algum a interpretação, por maior realce que tenha obtido na clínica, provocou um destronamento da pretensão régia do freudismo: a explicação (*Erklärung*). Por conseguinte, cabe dizer que na *Traumdeutung*, ou seja, n' *A interpretação dos Sonhos*, a *Deutung* (interpretação) não está dissociada da *Erklärung* (explicação), ao contrário, está a serviço desta, como uma variante da explicação. Isso porque Freud interpreta buscando a causa, buscando detectar as leis que governam o inconsciente e identificar os mecanismos acionados pelo conflito entre esta instância psíquica e a censura para produzir os sonhos e

²⁸ Obviamente que Heidegger e Assoun não são os únicos a afirmar categoricamente que a psicanálise é uma ciência natural. Segundo Monzani, em *Freud: o movimento de um pensamento*, o psiquiatra suíço L. Binswanger considera que Freud estende o mecanicismo às regiões mais livres do espírito humano. cf. Monzani, 1989. Assoun, por sua vez, nos lembra que Maria Dorer, entende que Freud, por nunca ter se desprendido de suas origens materialistas, deterministas e mecanicistas, legou à psicanálise uma "(...) doença incurável: a ausência de todo sentido de valores." ASSOUN, 1983, p.21.

²⁹ Dicotomia defendida por Ricoeur, 1965.

sintomas. Sendo assim, a explicação submete a interpretação aos seus desígnios, às suas pretensões. Na perspectiva de Assoun, ainda é pouco dizer que há, para Freud, certa proximidade entre interpretar e explicar, o que se verifica, segundo o autor, é que “(...) elas [explicação e interpretação] exprimem uma *démarche* homogênea que não justifica turbulência no modelo epistemológico naturalista” (ASSOUN, 1983, p.49). Nesse sentido, alega Assoun:

Em momento algum a hermenêutica freudiana toma a concepção antagônica de explicação, como na aceção defendida pela corrente que, de Droysen a Dilthey, passando por Rickert, integra à ideia de interpretação a conotação antonímica da explicação. (ASSOUN, 1983, p.49)

Sem considerar o referido antagonismo e livre das turbulências oriundas da querela dos métodos, a clínica freudiana segue interpretando sonhos, sintomas e outras formações inconscientes com vistas à explicação do funcionamento psíquico. O que nos permite concluir, com Assoun, que a interpretação realizada por Freud na clínica está interessada em “(...) reconstituir a objetividade das associações oníricas”, que ela pleiteia buscar a causa última da produção do sonho. (ASSOUN, 1983, p.50)

Segundo Renato Mezan (2007, p. 334), no texto *Que tipo de ciência é, afinal, a psicanálise?*, ainda que Freud almeje encontrar o sentido implícito do sonho, ou seja, ainda que ele busque localizar o desejo inconsciente e as fantasias relacionadas ao sonho, o faz com o intuito de revelar sua causa e as leis que regem a composição do material onírico. Por conseguinte, assevera o autor, não é de se surpreender que Freud classifique sua ciência como uma *Naturwissenschaft*, pois o seu objeto, o psiquismo, é visto como um “(...) produto determinado de causas”, cujas leis podem se tornar cognoscíveis. (MEZAN, 2007, p.337). Ao apontar o esforço de Freud na condução da investigação acerca das leis que governam o objeto de sua ciência, Mezan (2007, p.348) nos lembra que Otto Fenichel afirma que o assunto de que trata a Psicanálise é irracional, mas o método pelo qual ela o trata é perfeitamente racional. (MEZAN, 2007, p.337)³⁰. Anuindo com a perspectiva de análise desenvolvida por Assoun, Mezan nos assegura que, para Freud, o “espírito” – seja o psíquico, a alma, a cultura, a arte – deve ser investigado com os mesmos métodos e rigor destinado às coisas não humanas. Nesse sentido, o autor esclarece:

³⁰ Segundo Assoun, para Fenichel a originalidade freudiana consiste no fato de ele ter trazido para as ciências naturais “toda uma região da natureza” que elas tinham abandonado, a saber: “O espírito humano”. ASSOUN, 1983, p. 37

No tempo de Freud, as “atividades humanas”, mais conhecidas como civilização ou cultura, eram estudadas pelas *Geisteswissenschaften* ou ciências do espírito, e havia uma nítida distinção entre elas e as *Naturwissenschaften* ou ciências da Natureza. **Ora, Freud não leva em conta essa distinção, porque, como veremos a seguir, considera como homogêneos ambos os territórios.** Quando diz que a Psicanálise, como “psicologia das profundezas”, é uma parte da Psicologia, e esta uma “ciência especial” que obedece aos cânones da Ciência *tout court*, é evidente que, para ele, só existe um tipo de ciência, e não dois, humanas e naturais. Determinados ramos dessa ciência unitária podem se ocupar das “atividades espirituais dos homens”, enquanto outros tratam da matéria inanimada ou dos organismos vivos; o objeto da Psicologia é claramente recortado contra o pano de fundo da Natureza (“as funções afetivas e intelectuais dos homens” – e, acrescenta Freud, “e dos animais”). Portanto, a parte da Psicologia que investiga as “profundezas” (o inconsciente, suas leis, seus efeitos sobre o comportamento dos homens, etc.) é também uma ciência natural. (MEZAN. 2007, p. 327) [grifo nosso]

Do que foi exposto, podemos depreender que a objeção à categorização da psicanálise freudiana como uma ciência natural, calcada em argumentos oriundos da postura clínica do psicanalista é, para alguns comentadores, insustentável, visto que, como diz Assoun, “nunca o genial ‘senso clínico’ de Freud transgride seu imperativo explicativo” (ASSOUN, 1983, p.50).

O enfoque dado por Assoun (1983) ao freudismo faculta ao comentador afirmar, categoricamente, que a interpretação é uma explicação e que a interpretação do sonho, por exemplo, jamais desmantela o esquema causal-explicativo de Freud. Acreditamos que é nesse sentido que Heidegger, nos *Seminários de Zollikon*, nos fala da marcante presença, na psicanálise freudiana, do imperativo da explicabilidade das conexões causais e da identificação entre o “explicar” e o “compreender”. Esse argumento de Heidegger (2007, p. 260/222) apesar ser conciso, pois não pormenoriza como isso se efetiva em Freud, é preciso, na medida em que aponta que tal identificação reverbera um modo de apreensão das manifestações psíquicas ancorado na ciência natural moderna.

A redução da interpretação, cativa às ciências do espírito, a um tipo de procedimento a serviço do campo científico-natural ou, em termos heideggerianos, a identificação do compreender (*verstehen*) com o explicar (*erklären*) tem consequências sobre o modo de tentar acessar os fenômenos psíquicos. Esse modo “conta com” a possibilidade de estabelecer leis e causas na elucidação do homem e seu psiquismo. Retomando a discussão heideggeriana do início desse artigo, podemos dizer que Freud, enquanto arauto das ciências

da natureza de seu tempo, revela as pretensões de calculabilidade não apenas quando fala de quantidades de energias. Quer dizer: Freud calcula num sentido geral, tal como definido por Heidegger (2002, p. 134/130) nos *Seminários de Zollikon*, ou seja, calcula na medida em que “conta com” a possibilidade de forçar o psíquico a responder às condições de explicabilidade. O estabelecimento do inconsciente como fator causal na formação de sonhos, atos falhos e sintomas, assegura as condições para esta explicabilidade. Ainda que Freud não formule explicações apenas ancoradas em dados empíricos observáveis, ainda que ele recorra a conceitos incognoscíveis e inobserváveis, o seu propósito cardeal consiste em tudo explicar. A opção de Freud em relação à problemática oriunda da “querela dos métodos” parece ser a de ignorá-la, posto que, como diz Assoun (1983, p.50), “(...) ainda é pouco dizer que, para Freud, a psicanálise é uma *Naturwissenschaft*: na realidade, não há, literalmente falando, ciência senão da natureza.” Para Freud, *Naturwissenschaft* equivale a *wissenschaft*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSUON, P. L. *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- FREUD, S. A autobiografia. In: *Obras Completas*. Tradução Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, vol.XVI.
- FREUD, S. A interpretação dos sonhos. in: *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996a. Vol. V.
- FREUD, S. “Esboço de psicanálise”. in: *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996b. Vol. XXIII.
- FREUD, S. “Algumas lições elementares de psicanálise”. in: *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996c. Vol. XXIII
- FREUD, S. “Determinismo, crença no acaso e superstição – alguns pontos de vista.” in: *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996d. Vol VI.
- FREUD, S. “O Inconsciente”. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Luiz Alberto Hanns. – Rio de Janeiro: Imago Editora. Vol. II, 2006.
- FREUD, S. “O Eu e o Id” in: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Luiz Alberto Hanns. – Rio de Janeiro: Imago Editora. Vol. III, pp.14 - 92, 2007.
- FREUD, S. “A pulsão (*Trieb*) e seus destinos”. in: *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996e. Vol. XIV
- FRANCO, S. *Hermenêutica e psicanálise na obra de Paul Ricoeur*. São Paulo: Edições Loyola, 1997

- FULGENCIO, L. “As especulações metapsicológicas de Freud” in: *Natureza Humana – Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise*. São Paulo: EDUC, vol. 5.n 1, 2003.
- FULGENCIO, L. *O método especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC, 2008.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana, v. 1*. Sobre as afasias e O projeto de 1895. 7ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.
- GARCIA-ROZA, Luiz A. *Introdução à metapsicologia freudiana, v. 2*: A interpretação do sonho, 1900. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- GARCIA-ROZA, L. *Introdução à metapsicologia freudiana, v.3*. Artigos de metapsicologia: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente. 7ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- HEIDEGGER, M. *O Fim da Filosofia e Tarefa do Pensamento*. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: ed. Nova Cultural, 1991a.
- HEIDEGGER, M. *Que é isto - a Filosofia?*. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: ed. Nova Cultural, 1991b
- HEIDEGGER, M. Ciência e pensamento do sentido. In: *Ensaaios e Conferências*. Tradução: Emanuel C. Leão, Gilvan Fogel e Márcia Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HEIDEGGER, M. *Zollikoner Seminare*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1994; Tradução brasileira: *Seminários de Zollikon*. Tradução de Gabriella Arnhold e Maria de Fátima de Almeida Prado. São Paulo: EDUC, 2007.
- JAPIASSU, H. Psicanálise e ciência in: *Revista Filosófica Brasileira*. Rio de Janeiro: ed. UFRJ, 1990.
- KANT, I. *Princípios metafísicos da Ciência da Natureza*. Tradução Arthur Mourão. Lisboa, Edições 70. 1990.
- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1994.
- LAPLANCHE, J. E PONTALIS, J.B. *Vocabulário da Psicanálise*. Tradução: Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- LOPARIC, Z. “Theodor Lipps: uma fonte esquecida do paradigma freudiano” in: *Natureza Humana – Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise*. São Paulo: EDUC, vol. 3.n 2, 1999
- LOPARIC, Z. *A semântica transcendental de Kant*. Campinas: CLE, 2002.
- LOPARIC, Z. “As duas metafísicas de Kant” in: *Kant e-prints*, vol 2, n 5. 2003.
- LOPARIC, Z. “A máquina no Homem” in: FULGENCIO, L. e SIMANKE, R. (org). *Freud na Filosofia Brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005.
- MACH, E. *La connaissance et l’erreur*. Traduction: Marcel Dufour. Paris: Ernest Flammarion, 1919.
- MEZAN, R. “Que tipo de ciência é, afinal, a psicanálise?” in: *Natureza Humana – Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise*. São Paulo: EDUC, vol. 9.n 2, 2007.
- MONZANI, L, R. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora Unicamp, 1989.

POPPER, K. *Conjecturas e refutações*. Tradução: Sérgio Bath. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.

RIBEIRO, C. V. Freud se encaixaria no rol dos operários (Handwerker) das ciências naturais? Considerações heideggerianas acerca da psicanálise freudiana. *Aprender: Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*. Vitória da Conquista: Edições UESB, v. 10, 2008.

RIBEIRO, C. V. O convite para a suspeita filosófica: notas sobre o ensinamento heideggeriano nos “Seminários de Zollikon”. *Especiaria – Caderno de ciências humanas*. Ilhéus: Editus. Vol.13, n.24, 2013.

RICOEUR, P. *De l'interprétation: essai sur Freud*. Paris: Éditions Du Seuil, 1965

RICOEUR, P. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.

ROCHA, Z. Freud e a filosofia alemã na segunda metade do Século XIX. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 31, n. 99, 2004.

SÁ, R. N. As contribuições de Dilthey para uma fundamentação hermenêutica das ciências humanas. *Boletim Interfaces da Psicologia*, v. 2, p. 38-43, 2009.

SAFRANSKI, R. *Heidegger: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. São Paulo: Geração editorial, 2000.